

Brindes de Natal levam cautela e medo a Brasília

*CPI faz políticos
devolverem presentes e
ficarem constrangidos com
os mimos mais modestos*

VANDA CÉLIA

BRASÍLIA — O presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), não se conteve depois de abrir uma caixa com carteiras de couro que lhe foi enviada como brinde de fim de ano pela indústria têxtil Cata, de Belém. "Será que esta gente não está lendo os jornais?", brincou. "Brinde agora está proibido." Explicou depois que o presente era de um velho amigo. A atitude do senador é uma amostra do temor generalizado entre os políticos neste fim de ano: qualquer mimo pode ser comprometedor e trazer problemas no futuro.

O campeão da cautela é o deputado José Genoíno (PT-SP). Ele ganhou um telefone celular do colega Elisio Curvo (PRN-MS), no valor de US\$ 499. Curvo deu o presente junto com a nota fiscal, entregue com uma anotação no verso: "Declaro a quem de direito que o telefone celular, objeto desta nota de venda, por mim adquirido, entrego-o ao meu amigo José Genoíno, na condição de presente de Natal." Curvo pôs data e assinou a nota. Genoíno guardou tudo para incluir na declaração de renda deste ano. "Não se pode brincar com essas coisas", disse.

O deputado Aloízio Mercadante (PT-SP) devolve presentes se não forem de conhecidos. Neste ano, um escritório deu jóias para sua secretária Cristina e ela seguiu o costume do chefe: mandou de volta. "Fiquei muito feliz com a atitude da Cristina", disse Mercadante. No ano passado, Mercadante devolveu cestas de Natal com produtos importados, uma delas enviada pelo banco BMC. "Não devolvi por agressão, mas não tenho nenhuma relação pessoal no BMC para receber presentes deles."

MANDAVAM
BONS VINHOS,
AGORA TUDO
ACABOU

CAFÉS FINOS	CAFÉS FINOS LOJAS FRANCAS LTDA AD CST 133 / 80 CGC 27.197.888/0002 Ins. Est. 81.354.139 Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro		LOJA	MÃO
			0530	
NOTA DE VENDA	PASSAPORTE	Nº VÔO	VERD	OPER
N: 000331	DA 032233	693.0	01.8	034
	STATUS	<input checked="" type="checkbox"/> EMBARQUE / TRÂNSITO <input type="checkbox"/> DESEMBARQUE <input type="checkbox"/> TRIPULANTE		
CÓDIGO	DESCRIÇÃO	QUANT.	PREÇO UNITÁRIO	PREÇO TOTAL
00012459	telefone celular m: 9346TJ053E	01	499.00	499.00
ATENÇÃO		TOTAL DA NOTA		
TERNA ESTA NOTA EM SEU PODER E APRESENTE A AUTORIDADE ALFANDEGÁRIA SE SOLICITADA		499,00		
ATTENTION		ASS. VEND.	NOME/NOME PASS	
THIS SALES NOTE MUST BE RETAINED BY YOU AND SURRENDERED TO CUSTOMS ON DEMAND		<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	

*Declaro a quem de direito que o
telefone celular, objeto desta nota de venda,
por mim adquirido, entrego-o ao meu amigo
José Genoíno, na condição de presente
de NATAL. Brasília, 15 de dezembro 1993
(Relatório)*

A nota fiscal pedida por Genoíno e a declaração de Curvo no verso

O senador Eduardo Suplicy (PT-SP) recebeu no ano passado as obras completas do argentino Jorge Luis Borges e doou à Biblioteca do Senado. Neste ano, só recebeu agendas e deu para os funcionários. A síndrome da CPI atacou também aos doadores, porque Suplicy diz que não recebeu qualquer presente de valor. "Secaram todas as fontes", diz José Lourenço (PPR-BA), lamentando a falta das caixas de vinho francês e outros brindes tradicionais em outros anos. "Mandavam bons vinhos, cestas apreciáveis, e agora tudo isto acabou, são lembranças."

O senador Mário Covas (PSDB-SP) ganhou duas caixas de chocolates da Nestlé. "Deve comer tudo, mesmo contrariando os médicos que lhe proibiram os doces", afirmou uma assessora. O mesmo fizeram os dois filhos pequenos de Sigmaringa Seixas (PSDB-DF) quando receberam, em casa, chocolates da Nestlé. "Quando cheguei não havia atitude ética nenhuma que pudesse ou quisesse tomar", contou o deputado. "A caixa estava arrebitada e os meus meninos tinham devorado os chocolates." O clima é tenso às vezes. Outro dia, o deputado Paulo Bernardo (PT-PR) ouviu um colega queixando-se a outro, no banheiro do Congresso. "Ganhei uma agenda da Odebrecht, mas isto já tem dois anos, será que prescreveu?", perguntava. Bernardo riu.